

**AS NARRATIVAS DE BELO MONTE NAS REVISTAS SEMANAIS IMPRESSAS DE
INFORMAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A REPORTAGEM EM REVISTA**

Juliana Arini¹

Resumo:

Este trabalho tem como objeto de estudo as 25 reportagens publicadas nas revistas impressas nacionais informativas – *Veja*, *IstoÉ*, *Carta Capital* e *Época* – no período de janeiro de 1989 a maio de 2013, que abordaram a construção da hidrelétrica de Belo Monte, no Pará. A análise dessas matérias servirá de pano de fundo para a discussão sobre a reportagem em profundidade como forma de narrativa e as questões de comunicação que envolvem o tema. Esta análise servirá de guia para o estudo dos recortes de realidade apresentados nessas narrativas jornalísticas que trataram da construção da hidrelétrica de Belo Monte – um dos maiores projetos de infraestrutura nacionais, debatido há 25 anos na imprensa. O objetivo é compreender, por meio da análise de conteúdo das reportagens, como a imprensa escrita narrou o projeto e as transformações que este desencadeou na Amazônia e na vida das comunidades atingidas.

Palavras-chave: Comunicação. Reportagem. Compreensão. Narrativa. Hidrelétrica de Belo Monte.

Introdução

A construção de um complexo hidrelétrico no rio Xingu, com capacidade de geração de energia semelhante ao da usina de Itaipu (14 GW/hora), a segunda maior do mundo, é um projeto debatido pelo Governo Federal desde 1989, e narrado em muitas páginas de jornais e revistas. Batizada como Kararaô, um grito de guerra dos povos Caiapó, a hidrelétrica proposta para o rio Xingu sempre foi um fantasma para os ambientalistas e povos tradicionais que temiam os impactos da obra na Amazônia.

Tão grandiosa quanto os números de Belo Monte é a polêmica que cerca o debate em torno da necessidade real de construí-la. Em 1989, a indígena Tuíra empunhou um facão contra a face do diretor de engenharia da Eletronorte, José Antônio Muniz Lopes. Seu ato

¹ Mestre pelo Programa Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: juarini@gmail.com

contra o representante do governo tornou-se um dos símbolos da polêmica que envolve a construção da hidrelétrica de Belo Monte.

Analisar o universo da construção das narrativas jornalísticas, publicadas entre 1989 e 2013, nas quatro revistas nacionais de informação, *Carta Capital*, *Época*, *IstoÉ* e *Veja*, é o objeto deste artigo. A proposta é reunir elementos que revelem como a mídia impressa se comporta para narrar o tema e como gênero reportagem aparece dentro deste contexto.

Foram destacadas 25 reportagens, entre essas, sete matérias foram foco de um estudo mais refinado. Esse conteúdo foi escolhido entre as reportagens mais representativas, que integraram uma análise dos elementos fundamentais da reportagem.

Reportagem: a arte de narrar a realidade

Uma das perguntas que este artigo pretende debater é: quais os elementos da reportagem? Em 1973, Cremilda Medina e Paulo Roberto Leandro buscaram no campo das Ciências Sociais respostas para a construção de definições sobre os elementos da reportagem, como também afirma Dimas Künsch, em *Maus pensamentos: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística*. “

Na busca desse conceito, a partir da teoria da interpretação, Medina e Leandro visitam Freud, Nietzsche e Marx, para concluir que fazer jornalismo interpretativo é “não se contentar com um relato mais ou menos perceptivo do que está acontecendo, mas buscar um aprofundamento” (Künsch, 2000: 111).

Edvaldo Pereira Lima, em *Páginas ampliadas*, também cita essa base para o jornalismo interpretativo estabelecida por Medina e Leandro (Lima, 2009:237). Para o autor, a reportagem interpretativa deveria transmitir ao leitor o sentido contínuo da ação, reconstituindo o antes e o depois.

Entre os principais pontos destacados por Lima estão: a exatidão, o ato de contar uma história, humanização, compreensão, a universalização temática, estilo próprio e voz autoral, imersão, simbolismo, criatividade e responsabilidade ética.

Monica Martinez aborda essa proposta em “O novo capítulo 5: jornalismo com alma”,

publicado na revista *Libero*, e faz uma análise da revisão proposta por Lima para a nova edição de *Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, de 1993.

A autora (2008:358-389) propõe um breve resumo sobre o que Lima considera os 10 elementos fundamentais do jornalismo literário, ou em profundidade, que em síntese seriam:

1. Exatidão e precisão: quebrando o paradigma de que jornalismo literário tem texto floreado, adjetivado;
2. Contar uma história: o autor recorda a propensão humana a narrar histórias;
3. Humanização: o fator humano é marca do JL na visão de Lima;
4. Compreensão: princípio essencial do jornalismo literário é a visão compreensiva da realidade;
5. Universalização temática: como o jornalismo literário busca principalmente tocar os leitores pelos aspectos humanos envolvidos;
6. Estilo próprio e voz autoral: habilidade narrativa é condição imprescindível para a prática do jornalismo literário;
7. Imersão: Lima lembra que há apenas uma forma de o jornalista literário compreender a realidade: mergulhando na própria;
8. Simbolismo: o repórter evidentemente atua na captação de realidades simbólicas e não na realidade primária;
9. Criatividade: “Todo autor é um criador. (...) Primeiro, ele é um repórter (...) Em seguida, é um escritor;
10. Responsabilidade ética.

Entre os dez princípios propostos por Lima, relatados por Martinez, neste artigo vão ser abordados como destaque para a análise das reportagens sobre a construção da hidrelétrica de Belo Monte: *a imersão, a humanização e a compreensão*. Aspectos que serão acrescidos do *diálogo* e da *questão da afetividade*, temas a serem debatidos nos próximos tópicos.

As formas de discurso de uma reportagem

A diferença entre reportagem narrativa e discursiva, que não exclui a inclusão de uma lógica de compreensão complexa da realidade, é abordada por Oswaldo Coimbra no livro *O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura* (2002).

O autor aponta três estruturas, ou gêneros, mais recorrentes de reportagem e os classifica como: o texto dissertativo, o narrativo e o descritivo (Coimbra. 2002: 11). Um texto

jornalístico também pode conter modelos diferentes dentro de uma mesma reportagem, sendo a constância do estilo o fator determinante desse gênero.

a) Descrição

Descrever é apresentar um objeto, sentimento, coisa, pessoa ou paisagem por meio da exposição de suas características predominantes. Assim, o texto descritivo auxilia o leitor a imaginar e perceber o objeto (ou pessoa) descrito em seus múltiplos detalhes. Esse tipo de construção tem como característica provocar efeitos visuais e sensoriais no leitor.

Patrícia Ceolin Nascimento, em *Técnicas de Redação em Jornalismo - O Texto da Notícia*, apresenta as seguintes características: *figuratividade*, onde elementos que fazem referência concreta promovem percepção imagética e sensorial; *simultaneidade*, quando a descrição paralisa a cena e a apresenta como uma fotografia da situação relatada congelada no tempo; *predomínio de atributos*, quando a identidade e singularidade do objeto descrito são ressaltadas por adjetivos; *o uso preferencial dos verbos de ligação*, que enfatizam o recorte atemporal proposto na descrição e demonstram o estado da coisa, como ser, estar permanecer, ficar, em detrimento dos verbos de ação e o *emprego frequente de metáforas*, comparação e outras figuras de linguagem (Nascimento, 2009: 40).

b) Dissertação

A dissertação seria uma das formas mais usada nas reportagens hoje, embora autores como Nascimento indiquem que nesta estrutura é mais favorável para editoriais e nos artigos assinados (2009:60-63). Cabe ao gênero “explicar” ou interpretar ideias, sendo esta a estrutura das famosas “pensatas”, as matérias onde se propõe digerir um assunto, esmiuçá-lo por meio da fala de especialistas e entregar uma tese pronta ao leitor. Muitas vezes esse tipo de discurso aparece na forma da explicitação, com argumentos na forma de paráfrases (apresentados mais de uma vez e de formas diferentes ao longo do texto). O que pode inclusive desqualificar as matérias publicadas como narrativas, pressuposto básico de uma reportagem, e até inseri-las no gênero opinativo do jornalismo.

c) Narrativa

Nesse contexto o que chamamos de narração possui contornos mais complexos que o texto dissertativo e o descritivo. A narrativa poderia ter três tipos básicos de esquemas de organização: exposição, complicação e resolução. Coimbra (2002) também resgata a tese de

Walter Benjamin, que baseia todas as estruturas narrativas na figura de dois narradores: o lavrador que observa o mundo a partir de sua própria casa e rotina e o marinheiro – o viajante aventureiro que traz histórias longínquas. Esse último modelo também poderia se encaixar nas fórmulas narrativas propostas por Joseph Campbell, autor da proposta da “Jornada do Herói”, apresentada na obra *O herói de mil faces* (2005).

Há também uma clara diferença entre a narrativa literária e a narrativa jornalística. A maior delas seria a função. O texto jornalístico teria um sentido além do estético, pois passa pela necessidade da informação eternamente presente em sua mensagem final (Coimbra, 2002:18).

Para Nascimento as características das narrativas seriam: a *ênfase factual*, ou seja o conjunto de acontecimentos de onde parte o texto narrativo; a *progressão temporal*, a linha do tempo no qual os fatos se desenrolam antes, durante e depois da narrativa; *figuratividade*, onde geralmente há um texto descritivo que integra a composição do texto seja para falar de personagens, lugares e impressões pessoais no caso do narrador personagem; o *predomínio dos verbos de ação*, ao contrário da descrição onde há verbos de ligação; a *presença de personagens*; o *tempo e o espaço* que funcionam como fio condutor da ação.

As narrativas de Belo Monte

Nos 24 anos de cobertura pesquisada, as quatro maiores revistas de informação semanal, *Carta Capital*, *Época*, *IstoÉ* e *Veja*, publicaram 25 reportagens sobre a construção da hidrelétrica de Belo Monte. Com destaque para os seguintes períodos:

– Em 1989, data em que o primeiro projeto de construção de uma hidrelétrica no rio Xingu foi apresentado e rechaçado pela comunidade indígena e por ambientalistas, durante o I Encontro dos Povos Indígenas de Altamira.

– 2001, quando a proposta de construção de novas hidrelétricas no rio Xingu foi desengavetada pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, o projeto já era conhecido como Belo Monte e foi (re)lançado como uma promessa de solução ao problema do “apagão”, no Brasil.

– 2005, ano do assassinato da missionária americana Dorothy Stang, uma das críticas do projeto, devido a uma disputa de terras em Anapu, no Pará, na região do Xingu;

– 2008, data do II Encontro dos Povos indígenas de Altamira, quando um protesto em uma reunião sobre a hidrelétrica resultou em uma agressão por parte dos indígenas Caiapó ao engenheiro da Eletronorte, Sérgio Rezende.

– 2011, quando o projeto da hidrelétrica de Belo Monte saiu dos gabinetes de Brasília para ser uma intervenção real na paisagem da Volta Grande do rio Xingu.

Este estudo foi guiado a partir da análise de como os elementos fundamentais propostos anteriormente – imersão, afetividade e ternura, abordagem complexa, humanização e diálogo – aparecem (ou não) nessas narrativas jornalísticas. Foram destacadas sete reportagens para um análise em profundidade desta cobertura. A revista Istoé, foi a que menos publicou reportagens sobre a construção da hidrelétrica, com apenas uma reportagem incluída nesta análise.

Quadro 01 – Reportagens analisadas em profundidade

- Revista *Carta Capital*:

- a. “Cabeça a prêmio”, 23/04/2008, de Phydia de Athayde
- b. “Índios S.A e Quanto vale um índio?”, 25/03/2013, de Willian Vieira

- Revista *Época*:

- a. “Uma guerra equivocada”, 26/05/2008, de Marina Sanches e Juliana Arini
- b. “Os nômades de Belo Monte”, 11/07/2011, de Aline Ribeiro

- Revista *IstoÉ* (antiga *IstoéSenhor*)

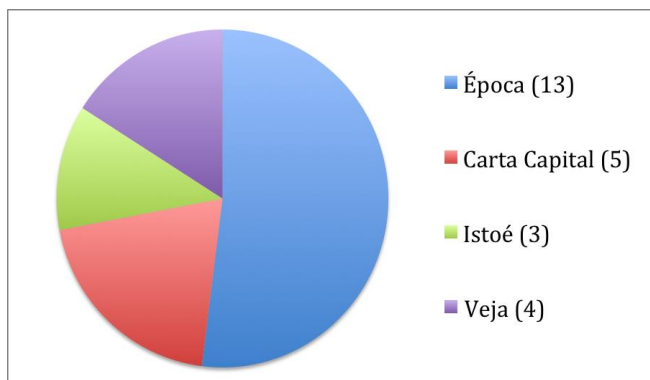
- b. “Muita Terra para pouco índio”, 28/05/2009, sem assinatura

- Revista *Veja*:

- a. “O aviso dos Caiapós”, 01/03/1989, sem assinatura.
- b. “O nocaute das estrelas”, 07/12/2011, de André Eler e Laura Diniz

As formas de redação foram classificadas de acordo com a proposta de Nascimento, que destaca para classificar um texto como dissertação, narração ou descrição a presença de elementos como: os tipos de verbos usados (de ligação, ou ação), a presença de enredo e da defesa de teses e ideias, a figuratividade, a delimitação do tempo e do espaço, o uso de personagens, a argumentação, entre outros. (2009: 40-57).

Gráfico 01 - A cobertura de Belo Monte entre janeiro de 1989 a maio de 2013



Os elementos da reportagem na cobertura de Belo Monte

A dissertação foi a forma de discurso predominante na cobertura do projeto de Belo Monte, presente em 20 das 25 matérias. Grande parte das reportagens sobre a hidrelétrica funcionou como palco para o debate de “teses”, como são estruturados os textos dissertativos, o que levanta outras questões sobre o grau de profundidade dessas reportagens.

a) O elemento imersão

Ao longo de 24 anos e para escrever 20 reportagens, apenas três jornalistas das quatro maiores revistas semanais de informações colocaram, declaradamente, os pés na região de Altamira, local da construção da hidrelétrica de Belo Monte.

Assim, vale destacar a importância dos relatos feitos por essas equipes, as responsáveis pelas narrativas mais completas sobre a hidrelétrica de Belo Monte

Quadro 02: Os repórteres que visitaram a região no Pará

- Bernardino Frutado, em 28 de maio de 2001, para a revista *Época*.
- Aline Ribeiro, em 11 de julho de 2011, para a revista *Época*.
- Willian Vieira, em março de 2013, para a revista *Carta Capital*.

Em *Páginas Ampliadas*, Lima defende que há apenas uma forma de o jornalista compreender a realidade que pretende transmitir: mergulhando nela (2009:373). Considerando essa afirmação como a base da proposta da importância da imersão como elemento fundamental da reportagem, podemos concluir que grande parte dos textos sobre Belo Monte foram construídos a partir de fragmentos costurados de uma realidade narrada por outros protagonistas e digeridas por meio de entrevistas telefônicas executadas por um ou mais repórteres.

A diferença na qualidade das narrativas construídas a partir da proposta de imersão pode ser comprovada nas três reportagens publicadas com deslocamento de equipes. A primeira delas, publicada em 28 de maio de 2001, ocupa apenas três páginas, mas revela elementos importantes para conhecermos mais da realidade de onde a hidrelétrica de Belo Monte está sendo construída. Nessa reportagem o jornalista Bernardino Furtado fez uma das mais interessantes descrições da Volta Grande do Xingu, a porção do rio que será parcialmente alagada após a conclusão da obra:

Em Altamira, no centro do Pará, as águas do rio Xingu fazem uma caprichosa inflexão. Correm 70 quilômetros para o Sul, para depois voltar a subir e encontrar, a 60 quilômetros de distância, o povoado de Belo Monte. Numa garganta entre rochas, o Xingu reinicia jornada rumo ao leito do Rio Amazonas. A curva traçada pelas águas é conhecida como Volta Grande do Xingu. O rio quadruplica de largura, formando cachoeiras e inúmeras ilhas verdejantes. Nesse pedaço da Amazônia será construída a segunda maior hidrelétrica brasileira. (Época 158, 2008:82)

Na reportagem “Os nômades de Belo Monte”, escrita por Aline Ribeiro, também para a revista *Época*, a repórter conseguiu outro retrato inédito, ela captou a vida das pessoas afetadas pela obra e a jornada dos que se lançam em busca de emprego nos canteiros das grandes hidrelétricas:

O vaivém de carros na estrada que liga as cidades de Altamira e Vitória do Xingu, no Pará, ficou mais intenso no último 9 de junho. Naquela noite, à beira do asfalto, o empreendedor Adão Rodrigues inaugurava mais um de seus negócios itinerantes. A faixa na entrada da casa lhe parecia clara o suficiente: “Estreia hoje a Boate da Noite”. Nem todo mundo, entretanto, entendeu do que se tratava. Afoitos com a

novidade, muitos dos frequentadores chegaram acompanhados de suas mulheres. Só quando avançavam pelo portão notavam que aquela não era uma balada qualquer, e sim o novo bordel da cidade. (Época 686, 11/07/2011:62-63).

Visão complexa

Edgar Morin propõe que a visão complexa e inclusiva depende de um desafio ao narrador: aceitar abandonar o caminho fácil das explicações e simplificações dos fatos. Assim, podemos supor que apenas 2 das 7 reportagens estudadas tentam fugir do caminho fácil das soluções apontadas e do reducionismo das explicações. Coincidentemente, ambas são as mesmas onde houve o elemento imersão, ou seja, os repórteres narraram a partir de uma viagem a Altamira, no Xingu.

Em “Os nômades de Belo Monte”, de *Época* (686, 11/07/2011), há um bom dessa aplicação. Nesse caso, houve também a criação de um ponto de vista, a partir do qual as histórias de vida dos que moram em Altamira e as dos que chegaram à cidade são narradas sem juízo de valor e com o mesmo espaço, seja para a os planos futuros da prostituta M, que sonha em comprar uma casa para morar com os dois filhos, seja a história dos agricultores que vão deixar suas casas por causa da futura área alagada pela hidrelétrica.

Na reportagem de *Carta Capital* sobre os indígenas há um esforço similar. As questões indígenas são tratadas de forma mais profunda, e não há a indicação de culpados ao longo da narrativa, que apenas expõe os problemas e conflitos da região. Em grande parte do texto o repórter conseguiu fugir da fórmula tão recorrente das outras matérias, sempre baseadas na tentativa de se reduzir o caos do entorno do canteiro de obras de Belo Monte a uma explicação simples ou maniqueísta.

Diálogo

O exercício da visão dialógica é um dos pontos mais problemáticos da cobertura sobre a hidrelétrica de Belo Monte. Ao ler as 26 reportagens e questionar quem é o “outro” (Eu/Tu) e o “isso” (Eu/Isso) nessas narrativas, a partir da proposta de Martin Buber – que afirmar ser o diálogo possível apenas por meio do reconhecimento do outro, o encontro e a troca – verificamos que os personagens das reportagens estudadas exercem papéis muito similares.

Nas sete reportagens escolhidas para a análise em profundidade, por exemplo, toda as falas do governo e suas fontes oficiais (polícia, exército, ministros, entre outros) são destacadas como personagens de forte influência sobre a tese construída, como vemos mais claramente nas matérias das revistas *IstoÉ* e *Veja*, publicadas em 2008.

Os temores sobre os impactos sociais e ambientais da hidrelétrica, a mudança no cotidiano das cidades e a violência são sempre reduzidos perante a força do argumento dominante em todas as reportagens: o Brasil precisa de Belo Monte para crescer 5,5% ao ano e assim garantir o desenvolvimento da riqueza nacional. Uma forma de “não diálogo” que também aparece com força nas narrativas de *Carta Capital* e *Época*, com exceção das reportagens já citadas: Quanto vale um indígenas (Carta Capital 741, 2013) e Os nômades de Belo Monte (Época 686, 2011).

A humanização

Apenas *Carta Capital* dedicou espaço para falar sobre a hidrelétrica de Belo Monte a partir da proposta mais direta de humanização: a publicação de um perfil. A matéria de 2008, trouxe um perfil do Bispo do Xingu, Dom Erwin Kräutle, uma das grandes vozes contrárias a construção de grandes hidrelétricas na Amazônia.

A reportagem foi feita durante uma viagem de Kräutle a São Paulo, quando este se encontrou com a repórter Phydia de Athayde, que não viajou para a região onde o bispo mora, em Altamira, no Pará. A matéria é uma reconstituição da trajetória de vida do Bispo do Xingu, que após a execução da missionária americana Dorothy Stang é uma das pessoas na linha de sucessão dos marcados para morrer do Pará, um dos estados campeões de assassinatos ligados aos conflitos fundiário na Amazônia.²

A reportagem tem o mérito de dar voz, rosto e personalidade aos conflitos que se desenrolam na Amazônia, porém como o repórter não viajou à região, as descrições da vida do bispo são feitas apenas com foco no relato do mesmo, e, assim, grande parte do texto gira em torno de um debate de ideias.

² Acessado em 01//02/2012. Disponível em: <http://www.cptnacional.org.br/index.php/publicacoes-2/noticias-2/12-conflitos/1546-conflitos-no-campo-brasil-2012>

Outras duas matérias focadas na humanização foram “Os Nômades de Belo Monte” de *Época* (686, 11/07/2011) e “Quanto vale um índio?”, de *Carta Capital* (741, 25/03/2013). Ambas narrativas utilizam a estratégia de explorar os conflitos e Altamira (cidade onde mora a maioria da população afetada pelo projeto e que vive uma “corrida do ouro” desde a instalação dos canteiros de obra da hidrelétrica, em 2011), a partir das histórias de vida dos que morram na região ou foram atraídos para lá pelo anúncio da obra.

O recurso enriqueceu as narrativas com descrições intensas sobre a vida dos moradores locais. Um exemplo positivo sobre como podemos ampliar a compreensão com a somatória dos elementos imersão e humanização.

Conclusões

A dissertação foi o modo predominante de forma de texto encontrado nas reportagens das revistas semanais de informação *Carta Capital*, *Época*, *IstoÉ* e *Veja*, ao abordarem o projeto de Belo Monte. Essa é a primeira conclusão desta análise das 25 reportagens sobre a hidrelétrica, publicadas em 24 anos de debate (1989-2013).

Esse modelo, predominante em 85% das reportagens, comprova que todas as 20 matérias dissertativas foram escritas a partir de uma “tese”. Outro ponto de atenção é a ausência de caráter jornalístico que o texto dissertativo propõe, pois para muitos autores esta forma de discurso pertence ao gênero opinativo, e não a reportagem.

Se dissertar é sobretudo expor argumentos e fatos, para assim reforçar um determinado ponto de vista, negativo ou positivo, fica claro que grande parte dessas reportagens defendeu uma visão já pré-estabelecida sobre a hidrelétrica de Belo Monte. Uma tese sustentada por argumentos muito similares nas quatro publicações analisadas: apesar dos impactos ambientais e sociais, a hidrelétrica de Belo Monte vai suprir a demanda energética necessária para que o crescimento das riquezas nacionais atinja 5,5% ao ano. Outra visão reafirmada em grande parte dessas reportagens foi o discurso desenvolvimentista, no qual o progresso deve ser levado à região da Amazônia pelo governo por meio de grandes obras de infraestrutura.

As 20 dissertações também seguem por uma lógica similar de argumentação. Após uma enxurrada de informações técnicas, a linguagem cientificista migra para a inserção dos

infográficos, nos quais dados econômicos e técnicos buscam validar os argumentos favoráveis a Belo Monte. As perguntas, cada vez mais frequentes, sobre por que construir tal hidrelétrica e que vantagem ela trará para a população local, que terá seu ambiente alterado, seguem com respostas dispersas, diluídas em um linguajar inacessível para a maioria dos leitores, em um claro exercício de um pensamento ortopédico, fechado e autoritário.

Outra conclusão desta análise de conteúdo é o desinteresse aparente dos veículos estudados em narrar a história da hidrelétrica, perdida entre centenas de páginas repletas de argumentos. Apenas três jornalistas, das quatro maiores revistas de informação nacional, visitaram a região do Xingu em busca da imersão na realidade local. A decisão de não investir – recursos humanos e financeiros – nessa cobertura foi editorial, porém gerou um nítido empobrecimento no conteúdo das reportagens, que acabou planificado e achatado por uma discussão técnica, econômica e muito pouco envolvente.

A ternura e o afeto são os elementos do jornalismo em profundidade menos presentes nas 25 reportagens. A razão científica e os argumentos econômicos foram predominantes no discurso das reportagens de *Carta Capital*, *Época*, *Istoé* e *Veja*. Um indicativo desse discurso hegemônico parte das fontes de informação, das 130 pessoas ouvidas e com aspas nas reportagens, 24 são cientistas e acadêmicos, e 48 representantes do governo, responsáveis por “explicar”, a partir de uma ótica racionalista, linear e científica, o porquê é necessário construir, ou não, a hidrelétrica de Belo Monte.

Entre os pontos positivos da cobertura analisada, estão as narrativas “Os nômades de Belo Monte” (*Época* 686, 11/07/2011) e “Quanto vale um índio?” (*Carta Capital* 741, 25/03/2013) que ajudaram a lançar luzes para a compreensão da vida dos afetados pela construção da hidrelétrica. A escolha da narrativa como forma de texto nessas reportagens foi fundamental para abrir as portas da compreensão e proporcionar a humanização dos personagens. Além de não existir parágrafos de cientistas explicando o comportamento dessas comunidades, a reportagem foi uma das poucas matéria que não usou infográficos com questões técnicas.

Referências

- BENJAMIN, Walter. **O Flâneur In Obras escolhidas III**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2009.
- BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BULHÕES, Marcelo. **João do Rio e os gêneros jornalísticos no início do séc. Xx**. Porto Alegre: *Famecos*, 2007, p 78–84.
- CUNHA, Euclides. **Os Sertões**: Campanha de Canudos. 1ª edição: Rio de Janeiro, Laemmert, 1902.
- COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**: um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática, 2002.
- KÜNSCH, Dimas A. Compreendo ergo sum: epistemologia complexo-compreensiva e reportagem jornalística. **Communicare**, São Paulo, v. 5, nº 1, 1º semestre de 2005, p. 43-54.
- KÜNSCH, Dimas A. Mais interrogações e vírgulas, menos pontos finais: pensamento compreensivo e comunicação. **Líbero**, v. 12, nº 24, dezembro de 2009, p. 41-50.
- KÜNSCH, Dimas A. Os deuses voltam à cena: ciberespaço, razão e delírio. In: Vários autores. **Esfera pública, redes e jornalismo**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009, p. 32-47.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 1993.
- _____. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Petrópolis: Elsevier. 2005.
- KÜNSCH, Dimas A. **Maus pensamentos**: Os mistérios do mundo e a reportagem jornalística. São Paulo: Annablume/FAPESP, 1991.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2009.
- MARTINEZ, Mônica. **Jornada do Herói**: A Estrutura Narrativa Mítica na Construção de Histórias de Vida em Jornalismo. São Paulo: Fapesp, 2008.
- _____. **O novo capítulo 5**: jornalismo com alma, São Paulo: Libero nº 22, 2008.
- MEDINA, Cremilda. **Ciência e Jornalismo**: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.
- _____. **O signo da relação**: Comunicação e pedagogia de afetos. São Paulo: Paulus, 2006.
- _____. **A arte de tecer o presente**: Narrativa e Cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MORIN, Edgar. Epistemologia da complexidade. In: SCHNITMAN, D. **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 274-286.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em revista no Brasil**: um estudo das construções discursivas em *Veja* e *Manchete*. São Paulo: Annablume, 2002.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Técnicas de Redação em Jornalismo**: O Texto da Notícia. São Paulo: Saraiva, 2009.

PINTO, Lúcio Flávio. **A Amazônia em Questão**. São Paulo: B4 Editores, 2012.

RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SANTOS, Boaventura Sousa de. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SEVÁ FILHO, Oswaldo (org.). **Tenotã-Mõ**. São Paulo: International Rivers Network, 2005.

Reportagens

ARINI, Juliana e SANCHES, Mariana. “Uma guerra equivocada”. *Época*, 25/05/2008, p. 60-63.

ATHAYDE, Phydia de. “Cabeça a prêmio”. *Carta Capital*, 23/04/08, p. 36-38.

BETTI, Renata, MEDEIROS, de Júlia, TSUBDI, Larissa, VARGAS, André. “A terceira maior do mundo”. *Veja*, 28/04/2010, p. 89-92.

Da Redação. “O aviso dos Caiapós”. *Veja*, 01/03/1989, p. 59-62.

Da Redação. “Índios somos todos nós”. *Isto é Senhor*, 01/03/1989, p. 22.

Da Redação. “Diálogos capitais: uma riqueza insubstituível”. *Carta Capital*, 28/04/2010, p. 46-53.

EPE. “Plano decenal de energia”. Acessado em 02/11/2012. Disponível em:

http://www.epe.gov.br/PDEE/20080111_2.pdf)

FURTADO, Bernadino. “Esperança no Xingu”. *Época*: 28/05/2001, 81-83.

RIBEIRO, Aline. “Os nômades de Belo Monte”. *Época*, 08/07/2011, p. 84-92

SIQUEIRA, Andre. “Um mal necessário”. *Carta Capita*, 29/04/2010, p. 20-24.

VIEIRA, Willian. “Quanto vale um índio?”. *Carta Capital*, 25/03/2013, 26-31.